



UÁQUIRI

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia

UÁQUIRI - PPGGEO, v. 1, n. 1, p. 179-190, ano 2019.

Home page: <https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/Uaquiri>



ISSN impresso: 1806-0218, ISSN online: XXXX - XXX

UM ENCONTRO COM MARIA (Relato de experiência)

Jones Dari Goettert^{1*}

¹Professor do Departamento de Geografia/UFAC, Rio Branco, Acre, Brasil.

*jonesdari@hotmail.com

Publicado em 2004, v.1, n.2, 146-158. Republicado em dezembro de 2019

DOI:

"Viviam José e Maria num lugarejo chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, na região da Galileia, em uma casa igual a quase todas, como um cubo torto feito de tijolos e barro, pobre entre pobres. Invenções arquitetônica, nenhuma, apenas a banalidade uniforme de um modelo incansavelmente repetido. Com o propósito de poupar alguma coisa nos materiais, tinham-na construído na encosta da colina, apoiada ao declive, escavado pelo lado de dentro, deste modo se criando uma parede completa, a fundeira, com a vantagem adicional de ficar facilitado o acesso à açoteia que formava o testro."

José Saramago (O Evangelho segundo Jesus Cristo)

Manhã de sábado, dezessete de abril de dois mil e quatro. Mulher, filhas, filhos, casa e bairro periférico de Rio Branco. Trabalho de campo¹⁶ no Defesa Civil. Neste pequeno texto, em sua primeira parte, procuro descrever partes da experiência da visita à casa de Maria, uma das moradoras do bairro Defesa Civil. Em seguida, na parte segunda e final, levantar pequenas questões a partir de introdutória análise das escalas que cercam Maria, suas filhas e filhos, sua casa, o bairro, a cidade...

¹⁶ Em acompanhamento ao aluno Antônio Crispim, pesquisador da formação sócio espacial do Bairro Defesa Civil.

1. Maria, Marias

Pequenos pingos de chuva caíam em meu corpo. O céu parecia dizer que o sábado transcorreria em urna balada mediana: temperatura em tomo dos trinta graus, nem sol forte e nem uma chuva arrebatadora. Para caminhar, era um dia sem muitos sacrifícios. E, porque, caminhar é preciso. Viver, talvez.

Chegando próximos à última rua do bairro Defesa Civil – pelo menos considerando que o início da caminhada começara na extremidade oposta - eu e Crispim viramos à direita e seguimos até o final daquela rua secundária, que não era muito extensa (em torno de cem a cento e cinquenta metros). Uma rua sem saída. Ou melhor, a saída era também a entrada. Ao fundo, muito mato impedindo a passagem, até porque, nestes tempos de chuva, o encharcamento também tomava conta. De vez por outra, apenas uma pequena bola de borracha teimava em invadir o mato e a lama, mas por culpa de quatro meninos, que em meio ao final da rua, fincaram duas estacas em distância de dois metros e ali reproduziam pequenos Ronaldinho, Pelé, Zico e garrinchas. Um deles, percebendo a nossa presença, até tentou uma meia bicicleta, deixando o corpo - quase nu - na horizontal e a um metro do chão. Caiu com elegância. E a bola, obedecendo ao chute, voou caprichosamente para o "fundo da rede".

Enquanto os quatro meninos jogavam e sonhavam com uma copa do mundo em que seriam os protagonistas da festa, duas meninas de igual idade ou um pouco mais de anos, na outra extremidade da rua, aproximavam -se com bacias na cabeça. Bacias com água. Seus corpos um tanto franzinos pareciam não se queixar do peso e do desconforto daquelas bacias meio latas. Coincidentemente, o destino da água era a casa próxima de nós, praticamente à nossa frente. Ou ao nosso lado.

Antes das meninas chegarem à casa, de lá apareceu a mulher que precisava da água. Perguntou: " mas, me diz uma coisa, esta pesquisa serve pra quê?" Crispim já passara por ali dias antes e fizera uma pequena entrevista com ela. Vendo ele ali, novamente, não vacilou em perguntar. Explicamos que se tratava de um trabalho monográfico do curso de geografia e, naquela manhã, estávamos tirando umas fotografias do bairro. Ela, então, resolveu nos mostrar melhor um pedaço do Defesa Civil, a sua casa, começando pela situação da cacimba, donde, até uns dias, tirava água para o consumo.

A cacimba ficava a três-quatro metros da rua. A céu aberto, a água apresentava uma coloração cinza-esverdeada, em especial pelas algas que se proliferavam. "Como eu vô tomá dessa água?", questionou. De cima, pois o terreno - da frente para o fundo - apresentava uma

atividade de aproximadamente um metro, escorria uma água que mais se parecia e cheirava esgoto. Também ao fundo, a mais ou menos doze metros, encostada na cerca de madeira no fim do terreno, a "privada" usada pelas e pelos moradores da casa. Um metro quadrado. O buraco circular no centro, ao chão, por onde mulheres e homens - menores e maiores - faziam as suas necessidades fisiológicas.

A casa. Média em torno de seis de frente por cinco de lado. Trinta metros quadrados. Das quatro, apenas a parede da frente era de madeira. A do fundo, de pedaços de zinco, com muitos pequenos e grandes furos. As paredes laterais feitas de pedaços de lona preta ou qualquer outro material velho achado nos lixos de outras e outros pobres. Entre um e outro pedaço do tapa-parede, também muitos buracos. Uma pequena janela para a frente da casa. Uma porta no fundo que dava para a casa ou para o quintal lamacento, sujo e com mal cheiro.

No seu interior, a casa, sem paredes internas, parecia muito mais um depósito de camas e colchões velhos. Aliás, duas camas de solteiro em um canto, com mosquiteiros – também velhos – amarrados e pendurados sobre elas – e com pedaços de colchões em baixo. Em outro canto, um colchão velho maior, dobrado ao meio e à espera da noite, para servir do que Maria chamava de cama!

A mulher. Maria. Perguntou se quiséssemos ver melhor a situação em que vivia com as filhas e filhos. Inicialmente um tanto constrangidos, seguimos aquela mulher de origem negra, mãe e moradora periférica. Pacientemente falou do esgoto e da "privada", da energia elétrica cortada, das doenças da filha, do trabalho, do marido, da política, da comida, da chuva e da falta de água. Falava muito. Parecia querer dizer que tinha pressa e que alguém devia ajudá-la. Ali, em meio à lama e aos seis filhos pequenos, suas forças pareciam esgarçadas. Já falou com autoridades que inicialmente se comoveram. Mas, continua à espera.

Maria. Não sabe o que fazer para conter a água de vem dos terrenos vizinhos. Encharcada pela água e pelo esgoto, acabou, também, se “encharcando” de dívidas. A luz elétrica foi cortada. A geladeira só funciona à noite, quando o “homem que vive comigo, e também tá me batendo”, faz um “gato”. A conta do telefone celular ultrapassou os cem reais e seu nome já está no spc-serasa. O gerente de um banco privado, onde às vezes trabalha de faxineira, abriu-lhe uma conta com um depósito inicial de vinte reais, que ela conseguiu economizar com o trabalho de limpeza e vendendo pequenas peças de roupas e toalhas bordadas. “Sô artesana”. Quando “sobra” um dinheirinho vai ao banco e deposita na conta. Tem todos os recibos de depósito, inclusive um de três reais.

Seis filhos. Dois meninos e quatro meninas. O menino e as duas meninas meio novos se debruçavam sobre a pequena janela que dava para a rua. Fomos chegando mais perto e cruzando por entre a lateral da casa e a cerca que dividia a propriedade privada de Maria e um dos vizinhos. Andávamos com cuidado, porque a pequena lâmina de água que escorria sobre a terra deixava rastros de lama. Maria nos mostrou a “privada” dos vizinhos do fundo e dizia que era de lá que o esgoto penetrava na terra e, como em erupção, surgia em seu quintal escorrendo até a cacimba...

A essa altura, os três filhos menores se amontoavam na porta dos fundos ao redor do tonel azul que servia de depósito para a água trazida pelas filhas maiores, também ajudadas, agora, pelo filho de mesma idade.

O filho menor, em torno de um ano de idade, andava pelado pra lá e pra cá. Em um espaço pequeno, sua mobilidade maior era vertical: subir e descer das duas camas, uma delas encostada à janela que dava para a rua. Dali, podia ver os quatro meninos jogando futebol, esperando que a parca alimentação lhe ajudasse a crescer depressa para participar, pelado, da “pelada”. Enquanto que por ali estávamos, não chorou. Aliás, quase nem abriu a boca. Curioso, seguia-nos com suas pernas pequenas morenas e com seu olharzinho de moleque dengoso. Na hora da foto, a mãe cobriu-lhes as vergonhas e ele, elegantemente, preparou-se para o registro, ao lado das irmãs pequenas.

Duas menininhas. Uma menor, em torno de dois anos, e outra maior, talvez quatro. A menor, mais branca. A maior, mais negra. Cabelos pendurados até o meio das costas. Soltos, balançando com o andar, o pular, o descer e o subir das camas. A menor, com um vestidinho avermelhado, tinha uma barriguiinha saliente: “é verme, tá vendo?” Disse a mãe, que quis mostrar a barriga inchada, mas como a filha não vestia calcinha, deixou pra lá. Afinal, não éramos médicos. A outra, a maior, tinha a responsabilidade de cuidar dos dois menores. Menos peralta, sentada sobre a cama e ali permaneceu observando a mãe nos relatos de suas existências. Já ia à escola.

O filho maior, em torno de doze-treze anos, ajudava as irmãs quando chegavam com as bacias cheias d’água. Tímido, parecia saber que carregava uma certa responsabilidade como o homem mais velho da casa. Pelo menos de dia, porque à noite, como disse Maria, “meu marido aparece e faz um gato pra gente tê energia”. O marido que, às vezes, também “me bate”. À espreita, o menino-homem talvez quisesse jogar futebol e marcar uns gols em vez de ajudar as irmãs a descer as bacias e jogar a água no pequeno tonel azul, à porta da casa. Talvez, também, torcesse pro Flamengo, que no dia seguinte disputaria a final do campeonato carioca contra o

principal rival, o Vasco. Que pena! Sem energia elétrica, ficaria excluído de assistir, pela televisão velha de catorze polegadas, em lugar seguro e especial em meio às camas, quem sabe, a conquista de mais um título flamenguista. Apenas mais uma exclusão.

As duas filhas maiores. De longe pareciam gêmeas, principalmente quando, em suas cabeças, as bacias de água envergavam os corpos que pareciam não sentir o peso e nem o desconforto. Não pareciam tristes com o trabalho. Ao contrário, parecia dar-lhes a satisfação do dever – e direito – na participação em ajudar a mãe e os filhos menores. Andar, encher as bacias e levá-las para casa significava também uma possibilidade de sair pela rua e “abandonar” por alguns instantes a casa-quarto, onde mal cabiam os parques móveis velhos que por entre o meio andavam e se “acotovelavam” os corpos móveis novos, das meninas e dos meninos.

Uma das meninas, no entanto, parecia menos alegre e mais retraída que a outra. “Foi violentada por um vizinho aí”, disse a mãe. A fragilidade da casa é também a fragilidade dos corpos meninos-meninas. Quando a mãe sai para o trabalho, o roubo de nada – porque ali nada tem de maior valor para larápios – vira assalto da dignidade do corpo de gentes desprotegidas. A marca da dor é invisível, mas se aloja nas profundezas do olhar que se desvia para o fundo da alma. Maria, mãe, parece sofrer junto a dor da filha. Não quer falar mais sobre o assunto. O silêncio de ambas é o refúgio em um mundo de refúgios. Por outro lado, Maria parece saber, claramente, que os lamentos levam a lugar nenhum. E isto basta.

Em meio às camas e aos colchões, uma máquina de costura – também velha – serve, sobre si, como depósito de peças e pedaços de roupas e tecidos. Maria: costureira. Aprendeu com a mãe o ofício de costurar e bordar panos e mais panos, que viram blusas, camisas, calças e calções. Mas a máquina de costura é movida à energia elétrica! Sem energia, não há trabalho. Sem trabalho, não há dinheiro. Sobre a máquina maior, uma menor. Quebrada. Seu conserto custa setenta e cinco reais. Além da costura, Maria também se dedica, quando trabalho consegue, à atividade de faxineira. Mas, o que quer mesmo, é poder desenvolver a atividade de costurar, pois esta é também uma maneira de ficar perto das filhas e dos filhos. Em casa.

Filhas e filhos, e a mãe Maria, precisavam, imediatamente, comer. A “dispensa” vazia. O fogão velho de duas bocas se espremia entre a geladeira – ainda mais velha – e a “dispensa”. Mesa? Duas pequenas panelas aguardavam a água para serem limpas. Cadeiras? Um pequeno ventilador “importado” da China nem mais se sustentava sobre a haste, enferrujada e à espera de energia elétrica. Perto dele, e pendurado em um pequeno prego fincado na única parede de madeira, a fotografia de casamento de Maria. Ela toda de branco e o noivo-marido de paletó e gravata.

Do outro lado da parede, fora da casa, quase ao fundo do pequeno porta-retratos, um outro prego sustentava um pequeno vaso de flor. Afastados dele, um para cada lado, outros dois enfeitavam e avivavam a parede de tábuas não pintadas. Mas, floridas.

2. Escalas

Neil Smith, geógrafo e professor em Nova Iorque, produziu um importante texto sobre os veículos de sem-teto nova-iorquinos, abordando, especialmente, a relação entre uma política espacializada e a produção de escala geográfica¹⁷, Segundo ele:

“É possível conceber a escala como uma resolução geográfica de processos sociais contraditórios de competição e cooperação. A produção e a reprodução contínuas da escala expressa tanto a disputa social quanto a geográfica para estabelecer fronteiras entre diferentes lugares, localizações e sítios de experiência. A construção do lugar implica a produção da escala, na medida em que os lugares são diferenciados uns dos outros; a escala é o critério de diferença, não tanto entre lugares como entre tipos diferentes de lugares”.

Produzir lugar é produzir escala. Cada escala é critério de diferença na medida que a sua produção requer o outro da projeção definida. Ou seja, a produção da escala do corpo se manifesta na relação com o não-corpo e com outros corpos. Da casa, com a não-casa e com outras casas. Da comunidade, com a não-comunidade e com outras comunidades...

Toda escala é palco de disputa. De controle e de poder.

Mas, também, em toda escala pode emergir a relação solidária, que, em última instância, pode fazer emergir a liberdade e a igualdade, ou pedaços delas.

O corpo de Maria é surrado. É sofrido. É fome: dela e das filhas e filhos. É trabalho muito e dinheiro pouco. É nele, contudo, que sua identidade primeiro se mostra. É, nele e por ele, que Maria vai definindo – e também sobre ela é definido – o seu ser na casa, no bairro, na cidade, na região, na nação e no globo.

O corpo-mãe. Negra, pobre. Suas roupas – igualmente pobres – escondem/ mostram a sua condição no interior de um mundo marcado pela produção, circulação e consumo de mercadorias. E o corpo de Maria também é o que consome.

¹⁷ SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala, geográfica. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000, pp. 132-159. (Todas as citações participam, então, desse texto.)

Segundo Neil Smith:

“O estilo corporal e as roupas medeiam as construções pessoais de identidade com culturas regionais, nacionais, globais, além de proporcionar acesso ao corpo pela indústria internacional da moda: a Benetton lidera o mundo na conquista cultural dos corpos em ação. Embora marcado pelo gênero, o estilo corporal é também uma questão de classe”.

O estilo corporal e as roupas de Maria a identificam como classe do trabalho. Seu lugar no mundo é definido pela marca da mercadoria – aliás, sem marca – e pela marca da pele. Negra. E ali, para os e as não-Maria, ela é “aquela dos seis filhos, do quase sem marido, sem-emprego e à espera”. Ela é também, pra muitas e muitos, a mulher “desnaturada” que não se preveniu e “colocou esse monte de filhos no mundo”.

E quando Maria – seu corpo – transcende a casa e pisa na loja do centro, os olhares – por outros corpos – tanto veem o lucro ou a comissão e a desconfiança. Nas repartições públicas, então, Maria é pedinte, é chata, é eleitora em época de campanha. Enchendo a barriga com uma cesta básica. Para ela e para as filhas e filhos.

O corpo da fome de Maria o é, também, para os seus. Corpos pequenos. Frágeis. Violentados interna e externamente. As lombrigas disputando, na barriga dos menores, os minguados restos do alimento macaxeira, farinha, água de poço. As cicatrizes nas pernas finas dos menores indicam que a cama não é um bom lugar para as estripulias diurnas. E noturnas. Os pequenos pés inchados demonstram que o assoalho molhado não rima com o ventre da mãe, onde poucos anos antes mergulhavam na ânsia de conhecer o mundo.

Cada corpo, das meninas e dos meninos, é em si mesmo uma relação com o mundo. Por isso, mais que os filhos de Maria, cada uma e cada um define a sua escala enquanto sujeito e subjetividade. “Sou a caçula”. “Sou Joana”. “Sou Jesus”... Corpos desejosos por dias melhores, por futuros menos tristes e com mais comida. Enquanto isso, a violência roça os corpos pela fome, pela brutalidade dos adultos e pelo “circo” midiático - ali em preto e branco - que os faz “iguais” às baixinhas brancas e brancos de Xuxa e dos “Power rangers”.

Mas, sonham... Em uma casa que parece, para nossos olhos estrangeiros, partes de um pesadelo.

A escala, em grande medida, da família. Uma irmandade que se faz na solidariedade, no apoio feito cabeça e tronco para o equilíbrio da lata d'água, da comida pouca preparada, do estudo pouco entendido das filhas e filhos menores e maiores.

Uma escala da propriedade privada feito aconchego, segurança e proteção...

Mas, a família, contra a milenar retórica cristã, é um problema. Ali, no seu interior, também é lócus de disputa e ele poder, principalmente entre gerações e entre gêneros. A televisão, o rádio e o jornal mostram, cotidianamente, que é no interior da casa - com gentes próximas e conhecidas - que ocorre o maior número de violência contra as crianças, contra as mulheres e, porque não, contra os homens.

No dizer de Neil Smith: “a casa é um espaço em disputa, especialmente em termos de gênero, com a autoridade mais ampla e socialmente sancionada do homem entrando em choque, em numerosas culturas, com o tanto de autoridade doméstica das mulheres enraizadas na rotina do lar”.

Maria: às vezes apanha do marido, que só aparece à noite. Para bater e fazer o “gato”. Maria, de dia e também à noite, mantém o controle sobre as filhas e filhos... Nem sempre: quando precisa sair, “abandonando” a casa feito lona e zinco, deixa os seus desprotegidos e parte da família é “mordida” em sua dignidade pueril por alguém também conhecido. Vizinho.

“Ali mora Maria”. “Esta é a casa de Maria”... Mãe, esposa, do lar, trabalhadora.

O reconhecimento de Maria e sua família – de sua casa – é dado pelas e pelos de fora, da comunidade feito bairro Defesa Civil. Ali, na comunidade, Maria “é a mãe de seis filhos e mulher de um quase- marido”.

Os corpos, as casas e as ruas do Defesa Civil são muito parecidas umas com as outras. Em milhar de gentes, em centenas de casas e em dezenas de ruas, a dimensão de Maria, seu corpo e sua família, vai dando lugar à generalização que compõe um pedaço da periferia de Rio Branco. O bairro Defesa Civil.

No bairro, Maria e família participam de um *modus vivendi* que alia pobreza, desemprego e subemprego, falta de assistência à saúde, falta de escola e de segurança da milícia oficial armada, falta de infraestrutura e excesso da intra-violência dada pelas poucas perspectivas no passado, de presente e de futuro para muitas e muitos jovens, reféns do tráfico e de um Estado centralizador, autoritário e patrimonialista.

É no conjunto da negatividade que o Defesa Civil é visto pelo não- Defesa Civil. Suas gentes são “embaralhadas” e a dimensão pessoal, familiar, do trabalho, da doença e do pouco dinheiro dão lugar a estereótipos, preconceitos e discriminação. Inclusive pela polícia. Inclusive, e coincidentemente, porque a maioria ali parece ser, assim como Maria e família, de ascendência negra.

Como salientou Neil Smith:

"Se o corpo é a fonte imediata da diferença corpórea apropriada na construção do racismo, é na escala da comunidade que o racismo e qualquer forma de localismo está mais firmemente enraizada. Apesar de suas raízes locais, o racismo é, por tudo, uma construção global dos mercados financeiros e do privilégio cultural, encapsulado na realidade do "terceiro mundo".

O rigor do autor em aspa r terceiro mundo é parte de uma compreensão que transcende os generalismos e a homogeneização de uma certa comunidade terceiro-mundista ou de comunidades em seu interior.

A comunidade africana, a comunidade latino-americana, a comunidade caribenha e a comunidade caucasiana, são exemplos de possíveis generalizações que mais desformam que informam. Formar, muito menos.

Em sentido mais restrito, o bairro Defesa Civil, generalizado abstratamente como o locus de mulheres-homens vivos-mortos (até porque fica ao lado de cemitério) da pobreza e do subemprego, acaba subtraindo dos sujeitos uma prática de resistência e organização comunitária – apropriada por grupos político-partidários, ou não – negando, assim, um conjunto de princípios e de valores histórica e comunitariamente construídos, ali e antes dali.

Em alguma instância, quando Maria diz que já foi – e ainda vai – constantemente reivindicar junto a políticos e prefeitura seu “pedaço do bolo”, está querendo dizer que também tem direito ao pedaço. E que o bairro onde mora não pode e não deve ser o contraponto ao Parque da Maternidade, que fica no centro e por onde a classe média e alta desfila seus corpos, seus carros e seu estilo griffe de ser.

Porque, também, o Defesa Civil e o Parque da Maternidade participam de um espaço urbano. Sem generalização. Sem homogeneização. Desigual e combinado? As mulheres do Defesa Civil, algumas, também vendem seu trabalho doméstico nas casas das mulheres, casas e bairros mais ricos, mais “cheirosos” e mais “assépticos”. Tudo desigual. “Tudo combinado”!

A relação de Maria, de seu bairro, com a cidade, é afirmada e negada simultaneamente. Como parte dela, Maria se vê em uma cidade que “mutila” pelo transporte coletivo deficitário, pela distância a percorrer de bicicleta ou a pé, pela água que não chega ou chega pouco, pelas políticas e serviços urbanos que teimam em “esquecer” as e os de longe. Ali, no Defesa Civil, Maria é alguém do bairro distante: a generalização, já na escala urbana, é o retrato microcosmático da região, da nação e do globo. Sem nome e sem rosto.

Mulher do Defesa Civil. Fundamentalmente, pelo quase nenhum ou pouco dinheiro. Ao lado disso, Maria e o bairro são sempre lembrados nas campanhas eleitorais, nos projetos feitos em Brasília e nunca chegados, como se o bairro fosse um insignificante “átomo” em meio ao universo, à região feita estrelas, cometas e planetas.

A Amazônia. A região da biodiversidade. Da floresta. De índios e papagaios... Nada mais sarcástico, senão cômico, a visão sobre um território nacional e multinacional feito de diversidade e homogeneidade (vide os milhares e até milhões de hectares feito pasto para vaca e boi comer, para crescer, para morrer e para suas picanhas e filés serem comidos nas mesas de gringas e gringos), feito de contrastes e contradições, feito de riqueza concentrada e de pobreza fincada em cada cidade, floresta, estrada, rio e igarapé.

Esses aspectos, no entanto, não retiram de cada lugar e gente regional a riqueza de modos de vida que se fizeram, na labuta de mulheres e homens, do “inferno verde” um paraíso possível. Mesmo na pobreza. Empatando e teimando.

Um espaço regional, hoje como no passado, mirado pelo capital nacional e internacional, focado pelas “águias” que deixam o norte e vão, pouco a pouco, comendo as a raras, as onças, os quelônios, os jacarés... “Comendo” as suas gentes e roubando parte do saber acumulado pelos povos nem um pouco tradicionais, que vivem e fazem da floresta e das cidades da Amazônia parte de seu viver. A etnobiopirataria, em feliz definição do geógrafo Carlos Walter Porto Gonçalves.

E quem é Maria nesta região chamada Amazônia? Dira, talvez, que é uma amazônida! Mas, não é a única. E nem a única brasileira.

O Brasil. A nação.

“Primeiramente uma construção política, o lugar do poder estatal”, policiando “também as fronteiras das escalas espaciais mais baixas; em especial, o corpo, a casa e a comunidade, e os desafios ao poder estatal emanam dessas e de outras fontes de opressão (inclusive ambiental), mesmo que não seja m tão claramente definidas”, no dizer de Neil Smith.

Uma brasileira da Amazônia. Da Amazônia periférica e de um de seus bolsões de pobreza. Nem “desenvolvimento sustentável”, nem manejas madeireiros e não-madeireiros; nem sistemas agroflorestais; nem reservas extrativistas; nem florestas estaduais ou nacionais; e nem reservas de preservação: uma sub-casa, filhas e filhos subnutridos, subemprego, subúrbio, “subdesenvolvido”, subterrâneos e submersos neste “gigante pela própria natureza”.

Na escala Brasil, os reflexos das políticas econômica, social, agrária, agrícola, cultural, urbana, alimentícia... chegam a passos de cágado. Quando chegam... Maria, as filhas e os filhos são importantes, especialmente, no cômputo para a distribuição do fundo de participação dos estados, daí para o fundo de participação dos municípios. Meros dados estatísticos em que chegar à oitava série do ensino fundamental em nada garante, simplesmente, que as filhas e filhos de Maria saibam ler e escrever. Meros números “para inglês ver” – ou para o Banco Mundial ver!

Na escala Brasil, de um poder quase invisível porque também tão distante como a arquetônica nada convidativa à participação da capital do “arquiteto comunista” (que o digam os candangos!), o “fome zero” se traduz em seu contrário: o “alimento zero”! Maria: parte – “1” – dos aproximadamente 50 milhões de mulheres e homens famélicos brasileiros? Não! Porque são “1” + “6” = “7”... “Não dê de comer apenas uma vez, mas sete vezes sete, vezes sete, vezes sete, vezes sete...” Disse, há algum tempo, um profeta... Ser cristão, então, é dividir. Maria e os seus, são cristãos.

Reduzida a quase nada na escala da nação, Maria é transformada em “pó” na escala global. Terceiro-mundista, latino-americana, negra, pobre, sub, sub, sub... Em escala global, na pretensa globalização, o que importa não é Maria e nem as Marias: “a escala global é primeiramente uma construção da circulação de capital”, asseverou Neil Smith.

Contudo, mesmo que o queiram as mulheres e homens do agronegócio, da exportação e do capital, este só se produz pelo trabalho e “as forças do trabalho do terceiro mundo são compostas, em larga medida, não apenas de trabalhadores, mas de mulheres trabalhadoras, negros trabalhadores, pardos trabalhadores”. Africanos, asiáticos, latino-americanos, caribenhos... E também, não são trabalhadores sem as especificidades que lhes dão cor, textura, espessura e magia, de mulheres e homens que labutam simultaneamente em uma estética da fome e em uma estética da solidariedade. Aliás, solidariedade, liberdade e igualdade, ainda teimam em se afirmar como princípios centrais da esquerda em qualquer rincão do mundo. Caso contrário a esquerda sucumbe; ou melhor: vira direita, viração.

Do capital em escala global, Maria não vê nem os rastros... No entanto, só há capital no capitalismo e este pressupõe um conjunto de relações. Relações, daí sim, que fazem parte de Maria, direta ou indiretamente. Maria, como suas vizinhas e vizinhos, moradores do Defesa Civil, também “competem”, também “vendem” e também “compram”... Mas, em que condições? Antes: por que participar dessa lógica competitiva e “irracional”, em que pobres matam pobres e ricos matam mais ainda? Por que fazer parte de um faz-de-conta em que

Maria e os seus aparecem com “branca de neve e os seis anões”, ou seja, como contos de fada dos contos, descontos, aumentos, saldos, juros, superá vits, pibs?

“ Opa!” O furo é mais embaixo!

O furo do mundo, ou da escala global, é onde as Marias labutam com fome e onde os Josés fazem cimento e barro pra casa dos ricos, enquanto nem casa têm, mas onde o "capital urubu" (na boa e talvez única ideia do nem um pouco saudosista “fhc”) pousa e faz dali o lócus de sua reprodução extremamente mal cheirosa. Aliás, a escala do capital, do micro ao macro, nem um pouco interessa ao trabalho Maria e ao trabalho José.

O furo é mais embaixo!

O furo da casa de Maria. Que dá pra casa e que dá pra rua. O furo por d’onde as filhas e os filhos espiam. Da escala do olho para a escala da bola chutada na rua. Da bola que parece um globo. Da escala do furo para a escala do mundo. Do furo da esperança. Do mundo que gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira, gira...

Que gira na cabeça de Maria. Tonteia, tonteia e tonteia. Até a fome dormir Maria.

E acordar...

E acordar Maria.